

## A PAIXÃO DO AMOR ENUNCIADA EM *FRAGMENTOS DE UM DISCURSO AMOROSO*, DE ROLAND BARTHES

*THE PASSION OF LOVE ENUNCIATED IN FRAGMENTS  
OF A LOVER'S DISCOURSE* BY ROLAND BARTHES

Silvana Regina Martins Brixner  
UFMS - silvanamb28@hotmail.com

Geraldo Vicente Martins  
UFMS - geeedmartins@yahoo.com.br

**Resumo:** A linguagem do sujeito amoroso é composta e enunciada por discursos, denominados como figuras por Barthes; estas, acionadas no imaginário do sujeito, evocam sentidos múltiplos de reconhecimento, de vivência experimentada. Nos *Fragments*, o sujeito amoroso é o sujeito apaixonado representado por várias vozes repercutidas em toda a obra, em ecos e ressonâncias plenos de paixão. Para a semiótica, em uma abordagem inicial, temos as paixões, vistas a partir da semântica narrativa, como efeitos de sentido de qualificações modais que transformam o sujeito de estado. Na organização das estruturas modais, o sujeito pode estar modalizado por um querer, um poder, um dever ou um saber, permitindo que o objeto desejado torne o sujeito desejoso. Além desses pontos, a fundamentação teórica utilizada para este trabalho baseia-se em estudos desenvolvidos na semiótica discursiva e seus desdobramentos referentes à enunciação. Nessa empreitada, analisaremos o nível discursivo, o qual situa uma narrativa no tempo e no espaço, e o narrativo, com os actantes (sujeitos, objetos, destinadores e destinatários da narrativa), que se tornam atores do discurso; do primeiro, abordaremos também os procedimentos sintáticos de temporalização, espacialização e actorialização e os semânticos de tematização e figurativização, focalizando os efeitos de sentido desse discurso da paixão.

**Palavras-chave:** discurso; enunciação; paixão.

**Abstract:** The language of the loving subject is composed and enunciated by discourses, called figures by Barthes, which, activated in the imaginary of the subject, evoke multiple meanings of recognition, of experienced experience. In *Fragments*, the loving subject is the passionate subject represented by several voices echoed throughout the work. Echoes and resonances full of passion. For Semiotics, in an initial approach, we have the passions, in narrative semantics, as sense effects of modal qualifications that transform the subject's state. In the discursive organization of modal structures, the subject may be modalized by a will, a power, a duty, or a knowledge allowing the desired object to make the subject desirous. In addition to these points, the theoretical foundation used for this work is based on the studies developed in discursive semiotics and its developments about enunciation. In this endeavor, we will analyze the discursive level in which the narrative is situated in

time and space, with the actors (the subjects, objects, the addressers and addressees of the narrative), who become actors of the discourse; from the first, we will also approach the syntactic procedures of temporalization, spatialization, and actorialization, and the semantic procedures of thematization and figurativization, focusing on the effects of meaning of this passion discourse.

**Keywords:** discourse; enunciation; passion.

## 1. Primeiros olhares sobre o discurso amoroso de Barthes

Entre os anos de 1974 e 1975, Barthes apresenta o seminário do Discurso Amoroso em Paris, junto à École Pratique des Hautes Études (EPHE), de que resultaria, dois anos mais tarde, a publicação de *Fragmentos de um Discurso Amoroso*. No mesmo ano de 1977, o autor proferiria a sua famosa aula, a partir da qual se pode notar a importância atribuída por ele ao lugar da fala e à presença do enunciador, entendido como responsável por uma enunciação que se inscreve na língua em sua plenitude de sentidos.

O discurso literário, a escritura, é compreendido como objeto dessa enunciação plena, *Fragmentos de um Discurso Amoroso* revela-se uma obra ímpar composta por um conjunto de “figuras”: oitenta cenas, alegadamente dispostas em ordem alfabética, para proporcionar um caráter combinatório e fragmentário à sua leitura. Cada figura apresenta um título, não segue uma ordem estruturada, mas é disposta de modo aleatório e nos remete ao dizer do autor de que, ao longo de toda a vida amorosa, surgiria na cabeça do sujeito amoroso sem nenhuma ordem, como uma espécie de argumento que se desenvolve em fragmentos passíveis de serem assimilados na busca para a assunção de uma vivência sensível.

Desde sua abertura, o livro procura o envolvimento do leitor nos meandros da cena amorosa: “A necessidade deste livro se apoia na seguinte consideração: o discurso amoroso é hoje em dia de uma extrema solidão. Esse discurso talvez seja falado por milhares de pessoas (quem sabe?), mas não é sustentado por ninguém” (BARTHES, 1981, p. I). E, do princípio ao fim do livro, vemos a articulação do enunciador que procura transformar a linguagem amorosa em discurso – sua “pessoa fundamental, que é o eu, de modo a pôr em cena uma enunciação e não uma análise!” (BARTHES, 1981, p. 1).

É dessa perspectiva que observamos um modo diferente de o enunciador dirigir-se a seu enunciatário, pois o espectro literário pode abrir os escritos barthesianos a uma multiplicidade discursiva, a qual nos surpreende pela fruição estética diferenciada. Assim, após as explicações sobre as figuras (Eu te amo, Suicídio, União e outras), que são apresentadas no início de cada capítulo, de um ponto de vista onisciente, evidenciam-se as relações entre elas, nas quais os discursos dos sujeitos apaixonados fundamentam-se em um dialogismo organizado por fragmentos de várias leituras, sendo uma recorrente, a de Goethe: “leituras insistentes, leituras ocasionais, leitura da própria vida do autor” (BARTHES, 1981: 5).

Não é sem razão que, na sequência, encontramos dois pequenos textos e, adiante, uma página quase vazia que proclama em letras garrafais: “É pois um amante que fala e que diz”, instaurando-se esse espaço de fala, fluido e multiforme, reivindicado pela enunciação por meio da caracterização do interlocutor, desse sujeito inscrito no enunciado e que servirá como ponto onde se entrecruzam fragmentos diversos. É este o elo que delinea vários excertos discursivos –

textos psicanalíticos, filosóficos, poemas, trechos de romances, com destaque para *Os sofrimentos do jovem Werther*, de Goeth) – para serem difundidos pela ótica do apaixonado que discursiviza o amor e sobre o amor.

É na tentativa de reconstituir algumas das nuances enunciativas desse discurso, responsáveis pelos efeitos de sentido que dele se depreendem, acompanhado do instrumental da semiótica discursiva sobre as paixões, em um determinado momento de sua abordagem a respeito do tema, e sobre a enunciação, que este artigo ensaia algumas breves análises dos fragmentos/figuras da obra barthesiana.

## 2. Em busca dos sentidos nas paixões

Que sentidos abriga o texto barthesiano? Que relações são estabelecidas ao comparar o Texto com um ser amado: “E o que mais se pareceria com o ser amado tal qual ele é, seria o Texto, ao qual não posso acrescentar nenhum adjetivo: que gozo sem ter que decifrar” (BARTHES, 1981: 189)?

Descortinar o horizonte dos sentidos, da significação, é dialogar com a existência do homem enquanto sujeito que age, que sente, que ama, que se apaixona. Como nos recorda A. J. Greimas (1975), “a significação existe para o homem, e não que o homem é seu sujeito, sendo capaz de produzi-la para si mesmo e para o mundo humano”.

Em seu livro *Du Sens II* (1983), Greimas fez referência às paixões pela primeira vez, ao fazer um estudo semântico-lexical sobre a cólera, no capítulo intitulado “De la colère”; porém, um estudo mais aprofundado sobre as paixões somente seria apresentado no livro *Semiótica das Paixões*. Nessa obra, escrita em parceria com J. Fontanille, os autores definem as paixões fundamentando-se em “uma série de denominações taxinômicas que constituem como que grandes classes da vida afetiva” (1993, 84). Ao todo, essa taxinomia possui oito paixões-lexemas (sentimento, emoção, inclinação, tendência, humor, suscetibilidade, temperamento e caráter), provenientes da nomenclatura passional, sendo que sua sistematização pode ocorrer em consonância com quatro critérios: a disposição, a manifestação, a modalização e a competência. Em sequência a esses estudos sobre a paixão, Fontanille (2007) considera o fato de os programas representarem um conjunto de papéis e de etapas das paixões, o que, para ele, indicaria que o nome das paixões contém todo um programa a representar um uso codificado que, quando manifestado, gera um percurso figurativo.

Retornando a um estágio anterior sobre o estudo das paixões, verifica-se que este foi adquirindo um estatuto próprio a partir do final dos anos 1980; nessa época, definiam-se paixões, segundo Barros, como “efeitos de sentido de qualificações modais que modificam o sujeito” (1990, 61); tais efeitos de sentido modificariam o sujeito de estado, produzindo os efeitos passionais. Nesse sentido, se os sujeitos da narrativa determinam seus papéis, pois agem motivados pelas paixões e pelos estados de alma, a paixão pode ser percebida como um aparato discursivo do ser modalizado desses sujeitos, entidades semióticas que são, assim, duplamente modalizadas, pelo querer e pela categoria tímica (euforia e disforia). Temos, portanto, nessa fase dos estudos das paixões, uma estreita vinculação com a organização da narrativa e os arranjos modais. Como diz Barros, “a descrição das paixões se fez, nessa etapa, quase exclusivamente, em termos de sintaxe modal, ou seja, de relações modais e de suas combinações sintagmáticas” (2001, 92).

Com o desenvolvimento dos estudos sobre a paixão, observou-se que uma mesma sequência modal poderia produzir diferentes efeitos passionais; então, concluiu-se que apenas a análise dos arranjos modais não desvendaria esse intrincado mundo de “estados da alma”. Ao avançar nas tentativas de organizar a epistemologia semiótica passional, Greimas e Fontanille recorreram à modalização; assim é que os autores propõem uma síntese da questão:

(1) no nível semionarrativo, seqüências de predicados modalizados se constituem; (2) sua sensibilização lhes permite ser evocadas em discurso; (3) na ocasião da colocação em discurso, a seqüência das posições do ser é orientada na perspectiva de uma única entre elas, que se torna a imagem- fim, e a seqüência das cargas modais é aspectualizada, uma delas modificando os efeitos de sentido de todas as demais; (4) uma vez estereotipada pelo uso e integrada a uma taxonomia conotativa, a dupla seqüência que compõe o dispositivo modal conserva os dois agrupamentos sintáticos: uma “sintaxe” intermodal que repousa numa trajetória existencial. (GREIMAS; FONTANILLE, 1993: 131).

A epistemologia da semiótica das paixões foi organizada por Greimas e Fontanille, considerando que a modulação, a modalização e a aspectualização constituiriam a teoria que regeria as investigações e descobertas referentes às tensões fóricas, presentes nos discursos. Os autores ressaltavam que, para analisar as paixões, seria preciso considerar a modalização dominante e a aspectualização.

A esse propósito, sabe-se que a aspectualização discursiva ocorre no momento do discurso e constitui-se de um dispositivo de categorias aspectuais, com as quais se revela a presença implícita de um actante observador, ao rever os resultados da modalização, estabelecendo a ligação entre as variações da tensão no espaço da foria e a categorização modal que age no nível narrativo.

Por sua vez, a modalidade altera as relações entre o sujeito e os valores e resulta da conversão da categoria tímico-fórica fundamental. Uma possibilidade de modalização está relacionada à determinação dos enunciados pelo parecer e pelo ser, a partir de um fazer interpretativo; esses enunciados modais podem ser de estado e de fazer. Desse modo, pode-se considerar a competência para realizar um fazer-transformador do destinador que permite ao destinatário-sujeito adquirir os valores modais do querer e do poder-fazer, ou ainda a competência do sujeito que também é uma modalidade do ser implicado no próprio fazer.

A manipulação discursiva alcança as manifestações que criam efeitos de sentido no enunciatário e que fazem emergir as fragilidades do enunciador, como assevera Barthes a respeito do sujeito amoroso:

[...] O holandês maldito é condenado a errar sobre o mar enquanto não houver encontrado uma mulher de fidelidade eterna. Sou este Holandês Voador; não posso parar de errar em virtude de uma antiga marca que me votou, nos tempos remotos de minha infância profunda, ao deus Imaginário, afligindo-me de uma compulsão de palavra que me leva a dizer “Eu te amo”, de escala em escala, até que algum outro recolha essa palavra e a devolva para mim; mas ninguém pode assumir a resposta impossível, e o errar continua. (BARTHES (2003: 145).

E que sentidos são construídos a partir dessas estratégias empregadas pelo enunciador, nos fragmentos de um discurso amoroso? Os sentidos construídos do texto, no percurso gerativo da significação, na semiótica, explicitam-se no nível discursivo, próximo da manifestação textual, realizado nas subjacências da concretude linguística, e constituído como processo semiótico exclusivamente na e pela atividade enunciativa.

Pela enunciação, podemos explicar a configuração passional dos sujeitos, recorrendo às relações actanciais, aos programas e aos percursos narrativos. É preciso apreender as etapas dos percursos dos sujeitos e, conseqüentemente, a dimensão dos sentimentos, das emoções e das paixões, que ocupam um lugar de grande valor no interior dos discursos.

Ao propor o desvelamento das paixões, a semiótica discursiva reconhece a importância dos processos semióticos subjacentes aos enunciados. Assim, na teoria semiótica, o nome das paixões pode trazer contribuições para sua análise discursiva, na medida em que reúnem programas, mas a dimensão passional não se finda neles. Como afirma Fontanille, “tratar da paixão em discurso, limitando-se às ‘palavras da paixão’ seria como tratar da ação de um texto limitando-se aos verbos de ação” (2007, 241).

### 3. Amor e paixão no jovem Werther

Em cada época, o amor é reinventado e adaptado pelos enunciadores em cada cena social. Encontramos, nos *Fragmentos de um Discurso Amoroso*, de Roland Barthes, uma correlação intensa com a obra *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, de Goethe. Muito além de apenas referenciar o romance alemão nos *Fragmentos*, Barthes criou um estilo, uma forma impressa a partir dos pensadores e ficcionistas em seus escritos, a saber, o do fragmento. No jogo da linguagem dos *Fragmentos*, temos um enunciador que materializa seu discurso para atingir o enunciatário, seja para convencer, impor ou seduzir; assim, vemos a obra referenciada, *Os Sofrimentos do Jovem Werther* atua como uma espécie de *corpus* para a proposição de enunciações barthesianas.

Ao enunciar discursos do amor impossível e disfórico, rompem-se barreiras e a obra instala bases do amor que violentam o “lugar imaginário,” constituído pelo sensível e o inteligível, respectivamente, os estados de alma e os estados de coisas. A paixão do amor despedaça a razão e descortina os sentimentos mais profundos impregnados no recôndito da alma. Assim, em uma linguagem com suas regras particulares, são atualizados os sentimentos, a paixão dos sujeitos enamorados, como assinala Barthes: “sou o único a fazer disso um sistema. Paradoxo difícil: todo mundo me ouve, mas só me escutam os sujeitos que têm exatamente e presentemente a mesma linguagem que eu” (BARTHES, 1991, p. 183).

Os estados de alma de Werther perscrutam tantas inquietações, como ele mesmo escrevera em uma carta de 18 de agosto: “Por que é que aquilo que faz a felicidade do homem acaba sendo também a fonte de suas desgraças?” (GOETHE, 2002: 52). O discurso amoroso é movido pelo desejo; ele quer o objeto amado, dividido entre o ser e o parecer, de modo que ele busca e lamenta o próprio amor. Barthes enuncia: “E, se dia vier em que eu tenha que decidir renunciar ao outro, o luto violento que me toma então é o luto do próprio Imaginário: era uma estrutura querida, e choro a perda do amor, não de fulano ou fulana.” (BARTHES, 2003: 28).

O processo enunciativo do discurso amoroso é constituído em duplicidade pelo *ethos* e o *páthos*. Como indivíduo que se percebe afetado nessas instâncias desdobradas, espécie de, ao

mesmo tempo, origem e destino do sentimento, o sujeito da enunciação procura dar conta da complexidade que é inerente a seu estado:

[...] sou simultaneamente feliz e infeliz: “ter êxito” ou “fracassar” têm para mim apenas sentidos contingentes, passageiros (o que não impede que meus pesares e meus desejos sejam violentos); o que me anima, de modo surdo e obstinado, não é tático: aceito e afirmo, fora do verdadeiro e do falso, fora do logrado ou do malogrado: vivo apartado de toda finalidade, vivo segundo o acaso (prova disso é que as figuras de meu discurso me vêm como lances de dados). Confrontado com a aventura (com o que me acontece), não saio nem vencedor nem vencido: sou trágico. (BARTHES, 2003: 16).

Podemos compreender as paixões figurativizadas nos *Fragmentos* de Barthes, estabelecendo relações com a obra *Semiótica das Paixões* (1993). Nela, Greimas e Fontanille postulavam que a paixão é um efeito produzido em todos os níveis do percurso gerativo, porém, em momento posterior, Fontanille (2007) ressaltaria a análise discursiva da paixão. Assim, ele destaca a fase do despertar afetivo, na qual o actante atenta para sua sensibilidade, e ainda substitui a da sensibilização pela do pivô passional, caracterizado pela ocasião da modalização passional.

Trata-se de um evento passional porque, em um aflorar de percursos que afetam o sujeito, personifica a eterna busca como um amante insaciável, como em Eros. Comte-Sponville (1999: 41) afirma: “Eros é a falta e a paixão amorosa: é o amor que prende ou quer prender”. É o amor-paixão, a modalização amorosa do ser que teima em ultrapassar os limites, contrapondo-se à desvalorização do amor insinuada pelos que dele se aproximam:

Apesar das dificuldades de minha história, apesar dos mal-estares, das dúvidas, dos desesperos, apesar dos ímpetos de abandonar tudo, não paro de afirmar em mim mesmo o amor como um valor. Todos os argumentos que os mais diversos sistemas empregam para desmistificar, limitar, esmaecer, em suma, depreciar o amor, escuto-os, mas obstino-me: “Sei disso, mas mesmo assim...” Atribuo as desvalorizações do amor a uma espécie de moral obscurantista, a um realismo-farsa, contra os quais ergo o real do valor: oponho a tudo “o que não vale a pena” no amor a afirmação de que nele vale. Esta teimosia é a profissão de amor: sob o concerto das “boas razões” de amar de modo diferente, de amar melhor, de amar sem estar enamorado, etc., uma voz teimosa se faz ouvir que dura um pouco mais de tempo: voz do Intratável amoroso. (BARTHES, 2003: 15-16).

Se, como afirmamos antes, na esteira da abordagem semiótica do final dos anos 1980, os efeitos de sentido das paixões são resultantes das combinações, dos arranjos entre as modalidades (querer, dever, poder, saber) que refletem sobre o “ser”, em Werther, tal modalização promove um percurso cognitivo de busca; na fase do sujeito patemizado, apaixonado por Charlotte, porém, desencadeia-se o pivô passional, vislumbrado na descrição do último encontro de ambos. Ele declama em alta voz os Cantos de Ossain para Charlotte; os dois se emocionam e se beijam, mas ela o rejeita e exige que ele desapareça de sua vida, modificando-se, assim, os estados afetivos dos sujeitos, os quais se excluem da cena e manifestam, pela emoção, as reações somáticas dos seus estados afetivos. E, por fim, distinguidas as diferentes fases, os sujeitos restabelecem o

espaço social, encerrando o enredo com toda a intensidade, revelada pelo suicídio de Werther: “Como isso é verdade! Reconheço esta cena de linguagem” (BARTHES, 1981: 18).

Adicionalmente, a observação da figuratividade, tida como “a imitação do mundo pela disposição das formas numa superfície” (BERTRAND, 2003: 247), permitirá localizar no discurso efeitos de sentido que desvelam o *ethos* do enunciatário, registrados ora como acontecimentos ficcionais ou não, ora como ensaio e confiança. Observemos, na figura intitulada “Eu te amo”, como Barthes reafirma o caráter ativo da enunciação:

O eu-te-amo afirma-se como força – contra outras forças. Quais? Mil forças do mundo que são, todas, forças depreciativas [...] Como contra-signo, eu-te-amo está do lado de Dioniso: o sofrimento não é negado, mas, pela proferimento, não é interiorizado: dizer eu-te-amo é expulsar o reativo, devolvê-lo ao mundo surdo e dolente dos signos. (BARTHES, 1991: 182-183.).

A qual sujeito, estamos nos referindo na obra? É o sujeito do enunciado? Ou é o sujeito da própria enunciação envolta em sua escritura? Ou, ainda, é o enunciatário que se reconhece como sujeito no texto?

O discurso amoroso é uma enunciação do eu, do lugar de alguém que fala em si mesmo, amorosamente, em face do outro (o objeto amado) que não fala.

#### 4. Enunciações, enunciados e sentidos

Barthes, ao fragmentar o discurso amoroso, rompe com o contínuo, com as formas discursivas organizadas. A escrita por fragmentos que visa a misturar e desconstruir modelos fazendo irradiar o plural da diferença, objetivando a quebra de paradigmas - o não acabamento do texto. Ele não perfaz o percurso de uma sequência narrativa padronizada – ele muda a relação com a escritura, ou seja, com a enunciação, e ainda com o sujeito que somos – fragmentados. Quem são os enunciatários em *Fragmentos*? Barthes, seus amigos, Goethe, Proust, Flaubert, vários poetas entre outros configuram o discurso amoroso numa enunciação sem resposta entremeada por verbetes, solilóquios, ensaios que tornam o enunciatário, também um enunciatário, na medida em que se reconhece nos *Fragmentos* como sujeito apaixonado.

No entanto, não podemos falar de um só eu na construção de *Fragmentos* de um discurso amoroso. Não é Barthes, sujeito determinado caracterizado por um eu que individualiza a enunciação, assim como assinalado nas afirmações de Benveniste:

A que, então, se refere o eu? A algo muito singular, que é exclusivamente linguístico: eu se refere ao ato de discurso individual no qual é pronunciado, e lhe designa o locutor. É um termo que não pode ser identificado a não ser dentro do que, noutro passo, chamamos uma instância de discurso, e que só tem referência atual. A realidade à qual ele remete é a realidade do discurso. É na instância de discurso na qual eu designa o locutor que este se enuncia como ‘sujeito’. (BENVENISTE, 2005: 288).

Já no início do *Fragmentos*, Barthes enfatiza o eu da enunciação, para que escutem o que há de incomum na sua voz: “se oferece como leitura um lugar de fala: o lugar de alguém que fala de si mesmo, apaixonadamente, diante do outro (o objeto amado) que não fala” (BARTHES, 1981, p. 01).

Em *Fragmentos*, podemos destacar o actante da enunciação enunciada por meio do papel daquele que conta a história, o narrador legitima suas vivências enquanto relata os sentimentos que remetem aos acontecimentos veiculados pelo enunciado. Dessa maneira, possibilita a discursivização de um destinador instalado no enunciado, correspondente, portanto, à enunciação enunciada (FIORIN, 1996).

O espaço da escritura de *Fragmentos* é indefinido, segmentado pela veridicção ou não das lacunas entre o discurso amoroso e o amor. Os acontecimentos empíricos, os questionamentos e reflexões, as intertextualidades também delinham um eu escritural que funciona como dispositivo enunciativo. Os verbetes estão escritos em primeira pessoa, Barthes assim o justifica no formato dado ao livro, afirmando ser o amor tão tolo que sua discussão requer mediações, como o romance ou análise.

Não é enunciado um discurso sobre o amor, e sim um discurso amoroso que, de maneira inovadora, reúne o passado no presente, dando continuidade ao eco das vozes de muitos autores que ressoam na constituição de um enunciativo que pretendeu criar algo novo, coletivo, mas longe da análise do amor. As instâncias da enunciação em *Fragmentos* se situam não como um discurso proficiente sobre o objeto amor, mas como um discursar em construção de uma posição amorosa, num jogo de similitudes na busca entre o ser e o parecer enunciados, como se verifica no trecho a seguir:

Donde, pois, a escolha de um método “dramático”, que renuncia aos exemplos e repousa unicamente na ação de uma linguagem primeira. Substituímos pois a descrição do discurso amoroso por sua simulação e devolvemos a esse discurso sua pessoa fundamental, que é o eu, a fim de pôr em cena uma enunciação, não uma análise. (BARTHES, 2003: XVII).

As constatações, que visavam a chegar ao procedimento metodológico da Semiótica das Paixões, inseriram o sujeito-que-percebe e o sujeito-que-sente nos discursos estabelecidos e ditos como verdadeiros entre os sujeitos que ratificam a veridicção discursiva. De acordo com Greimas e Fontanille (1993), para constituir um discurso epistemológico, é preciso considerar o parecer, o qual formularia precondições de sentido, como ocorre com os simulacros explicativos.

Esse discurso hipotético, que captaria em filigrana o “parecer do ser”, não é evidentemente próprio para suscitar a certeza; mas é, de certa maneira, o mesmo tipo de discurso que mantém a epistemologia das ciências da natureza, quando ela fala, por exemplo, do universo e de suas origens, do acaso e da necessidade. (GREIMAS e FONTANILLE, 1993: 16).

Assim, as relações hipotéticas entre sujeito e mundo seriam percebidas de maneira equivalente ao discurso composto pela epistemologia das ciências naturais. Dessa forma, podemos, em *Fragmentos de um Discurso Amoroso*, redimensionar as percepções a respeito do



amor, do amante e do que este fala ao dizer que ama, que alimenta esse sentimento por um objeto específico, o objeto do seu amor. Esse redimensionamento do ângulo de visão sobre o discurso amoroso permite entender os padrões pelos quais ele se expressa, os procedimentos que utiliza diante de situações que se repetem com sujeitos apaixonados pelo mundo afora.

## 5. Considerações finais

Nos tempos modernos, quem acredita na paixão do amor? Há lugar para ele? O sujeito apaixonado profere o discurso amoroso “quando o outro não está lá para amá-lo”. O discurso ficcional preenche o imaginário do sujeito e aflora suas emoções, pois é processado e interpretado de acordo com as experiências de cada um, tornando-se real em sua psicose, como assinala Barthes (1991). A sentimentalidade do amor deve ser reconhecida pelo sujeito amoroso como uma transgressão tensiva, que o deixa sozinho e exposto; por uma reviravolta de valores, e é justamente essa sentimentalidade que constitui hoje o obsceno do amor (BARTHES, 2007: 269). Barthes revoluciona o sentido do amor, tão descaradamente profano nos repetidos ‘eu te amo’, proferidos da boca para fora, expressados num jogo de simulacros vividos, mas não sentidos. O que resta? Modalizações do ser e do parecer nas imagens amorosas interconectadas pelos muitos discursos que tentam mostrar o lugar simbólico do amor.

Para Greimas e Fontanille, “a defasagem entre a organização discursiva e a organização narrativa do texto é provavelmente suscetível de explicar certos aspectos do fenômeno complexo, designado com o nome de ‘ponto de vista’” (1993: 160), que se resume na identificação do sujeito discursivo com um dos sujeitos narrativos, referenciando a um universo de livros filosóficos, escritores literários, participantes do seminário e amigos do escritor. A constante transformação do espaço e/ou do tempo, bem como a prevalência da disjunção atorial (dos diversos ‘sujeitos enamorados’ que se distinguem sobremaneira, mas que permanecem num sujeito discursivo reconhecido com ‘atopos’ (BARTHES, 1981: p.25), caracteriza como isotopia atorial.

Greimas e Fontanille (1993) estudaram a importância das paixões e o sentido construído a partir delas em discurso e como elas aparecem nos discursos. Além disso, abordaram a importância dos aspectos culturais da língua natural, que registram como as paixões são envolvidas nas combinações modais possíveis, ou seja, do querer/dever e saber/poder. Como bem notaram Fontanille e Zilberberg, “o ponto de vista da semiótica das paixões é o da complexidade, isto é, o das correlações entre dispositivos e dimensões provenientes de diversos níveis do percurso gerativo” (2001: 298).

A combinação do estado de alma dos sujeitos presentes em *Fragmentos de um Discurso Amoroso* nas ações e as modulações passionais constituem os dispositivos patêmicos. Os dispositivos modais podem produzir efeitos de sentido quando saem do nível narrativo e entram no domínio discursivo.

Ao situar a relação do sujeito apaixonado com o ser amado na discursividade amorosa, Barthes acentua a ruptura da imagem que, também corresponde à ruptura de um lugar na linguagem: “o discurso amoroso é na sua totalidade tecido de desejo, de imaginário e de declarações” (BARTHES, 1981 p. 02). O discurso é o sujeito apaixonado em ação.

Assim, temos, no nível discursivo, os resultados da modulação tensiva. A ação e a paixão transformam, e a predisposição passional é motivada pelas modulações tensivas como

percebemos, principalmente, em várias passagens da obra de Goethe, ilustrada por Barthes, quando percebemos o lugar da falta, do amor impossível para Werther: “projetei-me no outro com tal força que, quando este me falta, não posso me reencontrar, me recuperar: estou perdido para sempre” (BARTHES, 1977: 50).

## 6. Referências Bibliográficas

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Paixões e apaixonados: exame semiótico de alguns percursos. *Cruzeiro semiótico*, Porto, n. 11/12, p. 60-73, 1990.

\_\_\_\_\_. Teoria Semiótica do texto. São Paulo: Ática, 2001.

BARTHES, Roland. *Fragmentos de um Discurso Amoroso*. 2.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

\_\_\_\_\_. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Trad. de Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2007 [1977].

BARTHES, Roland. *O neutro: anotações de aulas e de seminários ministrados no Collège de France, 1976-1977*. Organização de Thomas Clerc. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*, 2005.

BERTRAND, Denis. *Caminhos da semiótica literária*. Bauru-SP: EDUSC, 2003.

COMTE-SPONVILE, André. O amor é falta ou plenitude? In: *LE NOUVEL OBSERVATEUR. Café Philo: as grandes indagações da filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999, pp. 39-42.

GOETHE, Johann Wolfgang. *Os sofrimentos do Jovem Werther*. São Paulo: Martin Claret, 2002.

FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. Ed. São Paulo: Contexto, 1996.

FONTANILLE, Jacques. *Semiótica do discurso*. Trad. Jean Cristtus Portela. São Paulo: Contexto, 2007.

FONTANILLE, Jacques; ZILBERBERG, Claude. *Tensão e significação*. São Paulo: Discurso/ Humanitas. (Original francês de 1988), 2001.

GREIMAS, Algirdas. *Du sens II: essais sémiotiques*. Paris: Éditions du Seuil, 1983.

\_\_\_\_\_. *Sobre o sentido: ensaios semióticos*; tradução de Ana Cristina Cruz Cezar et al. revisão técnica de Milton José Pinto. Petrópolis, Vozes, 1975.

GREIMAS, Algirdas; FONTANILLE, Jacques. *Semiótica das paixões. Dos estados de coisas aos estados de alma*. Trad. Maria José Rodrigues Coracini. São Paulo: Ática, 1993.